

# ÍNDICE

- 06 **VOLUME 05: NOTA INTRODUTÓRIA**
- 09 **FIGURA: CATARINA SARGENTA [1913-2003]**
- 12 **CONVERSAS COM... FRANCISCO D'OREY** Produtor musical de *Povo que Canta*
- 29 **POETAR CANTANDO ENTRE O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO**  
Paolo Scarnecchia
- 44 **FOTOGRAFIA** Augusto Brázio
- 56 **POVO QUE CANTA - TEXTOS**





# POVO QUE CANTA

Textos de Michel Giacometti

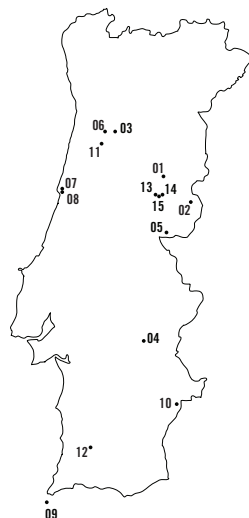
2.ª Série I Episódios 17 a 20

Gravação: 1970. Abril [1.ª campanha];

1970. Maio-Junho [2.ª campanha];

1971. Junho [3.ª campanha]

Transmissão na RTP: 1972. Abril-Julho / 1974.Abril



## LOCAIS

01. Castelo Branco. Covilhã, TEIXOSO
02. Castelo Branco. Idanha-a-Nova, PENHA GARCIA
03. Viseu. São Pedro do Sul, IGREJA DE CAMBRA
04. Évora. Borba, Santiago de Rio de Moinhos: MONTE DA VÁRZEA
05. Castelo Branco. Castelo Branco, MALPICA DO TEJO
06. Viseu. São Pedro do Sul, MANHOUCE
07. Coimbra. Figueira da Foz, BRENHA
08. Coimbra. Figueira da Foz, TAVAREDE
09. Faro. Portimão, PORTIMÃO [ao largo do Cabo de Sagres]
10. Beja. Serpa, VILA VERDE DE FICALHO
11. Aveiro. Sever do Vouga, COUTO DE ESTEVES
12. Beja. Odemira, Sabóia: MONTE DO TOTENIQUE DA CASTANHA
13. Castelo Branco. Fundão, LAVACOLHOS
14. Castelo Branco, Fundão, SOUTO DA CASA
15. Castelo Branco, Fundão, Souto da Casa: SANTA LUZIA [santuário]

## TEXTOS/ EPISÓDIOS

### **CANTADEIRAS POPULARES**

[Data de transmissão: 1972.Abril.17]

Castelo Branco. Covilhã, TEIXOSO

Castelo Branco. Idanha-a-Nova, PENHA GARCIA

Viseu. São Pedro do Sul, IGREJA DE CAMBRA

Évora. Borba, Santiago de Rio de Moinhos: MONTE DA VÁRZEA

Castelo Branco. Castelo Branco, MALPICA DO TEJO

Viseu. São Pedro do Sul, MANHOUCE

### **CANTOS E RITMOS DE TRABALHO**

[Data de transmissão: 1972.Mai.29]

Coimbra. Figueira da Foz, BRENHA

Coimbra. Figueira da Foz, TAVAREDE

Faro. Portimão, PORTIMÃO [ao largo do Cabo de Sagres]

### **A POLIFONIA POPULAR**

[Data de transmissão: 1972.Junho.26]

Viseu. São Pedro do Sul, IGREJA DE CAMBRA

Beja. Serpa, VILA VERDE DE FICALHO

### **O DESAFIO**

[Data de transmissão: 1972.Julho.06/1974.Abril.18]

Aveiro. Sever do Vouga, COUTO DE ESTEVES

Beja. Odemira, Sabóia: MONTE DO TOTENIQUE DA CASTANHA

Castelo Branco. Fundão, LAVACOLHOS]

Castelo Branco, Fundão, SOUTO DA CASA]

Castelo Branco, Fundão, Souto da Casa: SANTA LUZIA

NOTA: as observações sobre os episódios 17 a 20 da série *Povo que Canta* serão editados no Vol. 06.

## 16.º PROGRAMA

### CANTADEIRAS POPULARES

17 de Abril de 1972



1. Estivemos a ouvir um primeiro fragmento da «Moda da azeitona» cantada por Lucinda Matos Neves, trabalhadora rural de Teixoso, no concelho da Covilhã, já conhecida dos telespectadores de *Povo que Canta*. A melodia, segundo Fernando Lopes Graça, é simples pentacórdio maior com ornato superior, levemente melismático e com entoações «oscilantes» – estrutura melódica frequente em muitos cantos da Beira Baixa, que deste modo ganham um certo ressaibo, digamos, «oriental». O canto vai prolongar-se e, imediatamente a seguir, ouviremos uma outra «Moda da azeitona», este de Penha Garcia, no distrito de Castelo Branco.

2. A cantadeira Catarina Chitas, conhecida dos telespectadores do nosso programa.

3. E agora um canto de romaria e de devoção à Senhora do Almortão, cuja ermida se acha situada nas imediações de Idanha-a-Nova.

4. Nas imediações da Igreja de Cambra, no concelho de S. Pedro do Sul. Aí sobrevive a tradição do canto polifónico a 3 ou 4 vozes. Nas várias tarefas agrícolas, nas festas religiosas ou outras, as mulheres da região – e não apenas as mais idosas, como veremos – cantam numa forma polifónica como que instintiva. O canto inicia-se sempre monodicamente e prossegue em *organum* a quatro vozes: começo – descante grosso – alto – descante fino. Vamos ouvir (ouvimos) «À porta das Almas Santas» espécie de «Encomendação das

Almas», por via da regra cantada na Quaresma.

**5.** No Monte da Várzea, perto de Estremoz, Maria Vicência Fusco Granadeiro, trabalhadora rural, de 36 anos de idade, vai cantar um fragmento do romance «O lavrador d'Arada», numa versão bastante divulgada em todo o país.

**6.** Ouvimos a «Moda da Ceifa», recolhida em Malpica do Tejo, no distrito de Castelo Branco. De estrutura melódica frequente na Beira Baixa, parece ter perdido – ao tender para uma certa simplificação melódica – não pouca de sua ornamentação original.

**7.** Sempre em Malpica do Tejo, acabamos de ouvir um canto de romaria, «A Senhora das Neves», acompanhado ritualmente pelos adufes. Trata-se de um espécime musical que pertence ao género das chamadas «cantigas de adufe».

De Manhouce, São Pedro do Sul, ouviremos a «Folha de castanheira», canto de trabalho, de linha melódica mais vulgar, mas cantado na forma polifónica própria à região – três vozes, a que as cantadeiras, todas trabalhadoras rurais, chamam: «razo» – por baixo – por «riba».

**8.** Regressando a suas casas após um dia de trabalho, um grupo de mulheres – e entre elas raparigas novas – quiseram mostrar-nos que também sabiam cantar à moda da terra. Espontaneamente, e sempre na mesma forma polifónica, cantam «Ó Adelaide, Adelaidinha», canto de trabalho.

## 17.º PROGRAMA

### CANTOS DE RITMOS DE TRABALHO

Não foi apresentado no dia 1 de Maio mas sim no dia 29 de Maio de 1972



**1.º** O nosso programa de hoje será preenchido com ritmos e cantos de trabalho – trabalho de terra e de mar.

- BRENHA, no concelho da Figueira da Foz. O plantio do Bacelo e o canto do mandador, a «Bacelada», destinada a regularizar o ritmo do trabalho.

- Os telespectadores estarão ainda recordados de outra «Bacelada», recolhida numa localidade vizinha, Tavarede, e apresentada num programa igualmente dedicado aos cantos de trabalho.

- Hoje, quer-nos parecer útil confrontar as Baceladas de Brenha e Tavarede.

**2.º** Aproveitaremos uma pausa dos cavadores de Brenha para apresentar breves fragmentos da «Bacelada» de Tavarede. Aqui o estilo do mandador é, de certo modo, mais rígido; o ritmo é mais seco, as interjeições mais percucientes; as frases improvisadas são ditas com as justas entoações que mantêm a cadência.

**3.º** Enquanto em Tavarede descansa a equipa (o «banco», no dizer dos cavadores), os nossos amigos de Brenha vão retocar o trabalho. Desta vez notaremos melhor a «maneira» do mandador. O canto é mais exactamente uma espécie de todada com inflexões quase



dolorosas. A letra – improvisada em parte – constitui como que uma miscelânea de quadras soltas do cancionero regional, de versos deturpados de canções de origem urbana, de reminiscências de cantigas militares da Primeira Grande Guerra, etc. Nesta «Bacelada», mais que pelo próprio ritmo, parece que a coesão do grupo é mantida por um processo que poderíamos chamar psicológico; sugestões de carácter reivindicativo, alusões obscenas, evocações anedóticas, chamamento para imagens e situações simbólicas.

- Desejamos sublinhar, por fim, que os estilos peculiares a cada um dos mandadores encontram paralelo nas grandes unidades fabris onde, por assim dizer, são praticados alternadamente, através da difusão de programas de música chamada funcional, destinados a regularizar – sempre no sentido de uma maior produtividade – os ritmos do trabalho.

- O alar da rede na pesca da sardinha.

- Documentário realizado em 1962 por Michel Giacometti, com a colaboração de Manuel Ruas.

- As imagens foram filmadas com uma simples câmara 16mm, sem som síncrono.

- De Abril a Janeiro, todas as tardes se fazem ao alto mar as traineiras dos portos do Algarve.

- A longa procura nas horas da noite.

- A rede enorme começa a deslizar e a estender-se numa cilada gigantesca.

- Com gestos solenes se fecha o laço que dará a morte matinal a uma presa invisível.

- À vista da linha sombria das costas de Salema, um grito nasce com o primeiro esforço.

- Um novo ritmo em que o esforço redobra e se exaspera.

- A promessa do peixe, responde um ritmo em que o esforço se alegra.

Dr. Jaime Gralheiro

São Pedro do Sul

Viseu

## 19.º PROGRAMA

### A POLIFONIA POPULAR

26 de Junho de 1972



- Mais de uma vez, nestes programas, temos sublinhado que a estruturação polifónica podia ser considerada como a característica dominante do nosso folclore musical. De Norte a Sul do país, com excepção talvez do Algarve na sua quase generalidade e das províncias à roda da capital, existiram e subsistem ainda velhas formas diversificadas da polifonia popular.

- Hoje confrontaremos essencialmente dois tipos de polifonia: a polifonia de vozes femininas da Beira Alta com a polifonia do Baixo Alentejo – os cantos cora – que, como se sabe, são quase sempre entoados unicamente por homens.

- As cantadeiras de Igreja de Câmara e os cantores de Ficalho, respectivamente nos distritos de Viseu e Beja, foram escolhidos como testemunhos exemplares da presença viva do canto polifónico na sua vida quotidiana.

- Ficalho. Acabamos de ouvir um fragmento da moda «Mondadeira, lindo Rancho», que pertence ao tipo bastante espalhado na região de cantos não melismáticos, em tempo justo de «marcha moderada». Ouviremos a seguir a moda «ponto do nosso grupo». Ponto designa, na terminologia popular sul-alentejana, a voz que inicia o canto. Assinalaremos desde já, como característica dos cantos corais alentejanos, uma forte propensão para actualizar as letras que frequentemente reflectem – e talvez mais que em qualquer outra

região do País – os problemas, as tensões e situações sociais do momento. Do ponto de vista musical, a estrutura dos cantos corais é quase sempre a seguinte: o ponto, que como vimos inicia o cante, continuado pelas outras vozes e a que se sobrepõe outra voz solista, o alto, com a sua parte floreada formando terceiras e por vezes quintas básicas com o canto firme, ou seja a melodia principal.

- Nas imediações de Igreja de Cambra, no concelho de S. Pedro Sul, Viseu. Vamos ouvir um canto de romaria. «Senhora Santa Combinha» – romaria das mais afamadas da região, que se realiza no domingo do Espírito Santo. A coincidência da festa de Santa Combinha com a do Espírito Santo vem lembrar-nos que «Combinha» é o diminutivo da palavra «Comba», derivada da forma latina «Columba», a pomba, que como é sabido é o símbolo do Espírito Santo.

- Os telespectadores terão reparado no grito que termina o canto – o grito de apurar ou grito de escatilhar, como é chamado no Minho. Este grito é por vezes utilizado isoladamente, como grito de chamamento, especialmente pelas pastoras. Lembra o relinchar do cavalo e conserva-se ainda em vários países, nomeadamente em países celtas (Escócia, Irlanda, Bretanha armorica). Trata-se talvez do relinchar do cavalo – totem –, sabido como é que o cavalo era um animal sagrado entre os Indo-Europeus em geral.

- Ouviremos a seguir um canto de «Aleluia» – sempre na mesma forma polifónica, como que instintiva, própria da região. O canto inicia-se modificadamente e prossegue em *organum* a quatro vozes: começo – descante grosso – alto – descante fino. Este «Aleluia», de uma expressão larga e severa, é cantado na igreja, da Páscoa ao Espírito Santo, e pelas ruas, quando o pároco anda a «tirar o folar».

- De novo em Ficalho, para ouvirmos a moda «É tão triste ver partir». Outro canto polifónico, de temática actual.

- Notaremos nos cantos actuais uma tendência para um certo estereotipismo morfológico e expressivo, o que não impede, contudo, a libertação de sentimentos e emoções de um povo que, que através do canto, preserva uma certa unidade espiritual.

- Já que, por mais de uma vez, utilizamos a palavra «moda», desejamos sublinhar que o povo alentejano substituiu as designações de canção e de quadra pelas de moda e de cantiga, reservando a palavra quadra para as improvisações poéticas glosadas.

- «O luar da meia-noite», canto sem função bem definida: tanto pode ser cantado nos serões e ao longo dos caminhos, como nas diversas tarefas agrícolas.
- «A Senhora da Saúde», canto de devoção à Senhora da Saúde, cuja romaria se realiza no dia 15 de Agosto.
- «Já deixei o Alentejo», canto de temática social, que se divulgou em todo o Baixo Alentejo nestes últimos anos.
- O canto que acabámos de ouvir, vem confirmar a tendência, já referida, do povo sul-alentejano para exprimir pelo canto os problemas da actualidade que determinaram a sua vida social. Nada de semelhante acontece, geralmente, com os cantos da Beira Alta: a renovação das letras parece processar-se por um lento trabalho de assimilação, mais que por improvisações ou adaptações a situações de momento. Daí a predominância de temas de carácter cerimonial ou simplesmente líricos – uns e outros revelando frequentemente um certo gosto pelas formas concisas.

## 20.º PROGRAMA

### O DESAFIO - Na sociedade rural

6 de Março de 1972



**1.** Estamos em Couto Esteves – localidade bastante isolada do concelho de Sever do Vouga, do Distrito de Aveiro – onde acabamos de ouvir a «Ramaldeira», espécie de chula, canção dançada, utilizada localmente como canto de Reis e interpretada por cantadores de certo modo profissionais: O senhor Adelino Martins Coutinho, de 74 anos de idade, e seu sobrinho, Senhor Américo Martins Coutinho, de 64 anos de idade, ambos trabalhadores rurais.

**2.** Há cerca de 40 anos que percorre as terras da vizinhança onde anima, com os seus desafios e modas de baile, as festas tradicionais ou domésticas. Não raras vezes, deslocam-se até às grandes romarias do Minho: o meu reportório, na verdade, assinala nítidas influências das músicas, tradicionais ou não, que circulam nas feiras e romarias desta província.

**3.** «O Senhor da Pedra», que vamos ouvir a seguir, é um canto de romaria ou talvez, mais exactamente, um canto de referência ao Senhor da Pedra, Provavelmente para ser cantado e dançado no arraial da romaria.

**4.** Aqui temos, portanto, dois cantos cujas funções são definidas: a «Ramaldeira», canto de Reis, entoado de porta em porta, e «O Senhor da Pedra» que, contudo, pode ser assimilado a um canto de romaria. Ambos os cantos apresentam a particularidade de serem cantados ao desafio – um desafio mais aparente que real, como veremos.

**5.** Quais são as características essenciais destes cantos?

O suporte melódico é um produto híbrido, isto é, as músicas da «Ramaldeira» e do «Senhor da Pedra» são constituídas, por assim dizer, por um cruzamento de músicas tradicionais do Minho, como a *chula* e *cana verde*, com o fado.

O texto cantado provém de várias fontes: quadras populares (que, como é sabido, transitam facilmente de região para região), quadras eruditas ou semi-eruditas, quadras improvisadas em outras ocasiões pelos próprios cantadores e constantemente adaptadas às necessidades do momento.

**6.** Depois de ouvir o «Senhor da Pedra» faremos uma incursão até ao Monte de Totenique, no concelho de Odemira, para assistir ao desafio – aqui chamado despique – de um grupo de trabalhadores rurais. Outros momentos deste despique foram apresentados num programa anterior.

**7.** O despique do Monte Totenique, como vimos, apresenta características bem diferentes dos desafios de Couto Esteves. Em Totenique, o canto nasce espontaneamente de uma intenção de sátira e de crítica social. Embora obedecendo a regras estritas – como a obrigação de «não pisar o ponto», isto é, a não repetição, no final de um verso, de uma palavra que já tivesse sido cantada por um dos protagonistas –, a inspiração é livre e apoia-se numa simples melopeia acompanhada pela viola campaniça. O estilo dos cantores – mormente dos mais idosos, já que os mais novos procuram efeitos fadistas – as entoações, as vozes fanhosas, criam um clima musical que sugere a África do Norte, com algumas das suas melopeias urbanas ou urbanizadas, em estilo dialogado, acompanhadas pela viola.

**8.** Assistimos a um desafio entre os «bombos» de Lavacolhos e os «bombos» de Souto da Casa, localidades vizinhas do Fundão, do distrito de Castelo Branco. Os «bombos» designam localmente os pequenos agrupamentos instrumentais populares compostos geralmente por bombo, caixas, pratos e pífaros, que participam nas festas tradicionais da região, como por exemplo, a famosa romaria de Santa Luzia, no Castelejo. E acontece que